



# DOENÇAS EM PLANTÉIS DE EQUINOS: PATÓGENOS, SINAIS CLÍNICOS E TRATAMENTOS

OLIVEIRA, Joel Neves<sup>1</sup>  
BORGES, Luiz Felipe Kruehl<sup>2</sup>

**Palavras-chave:** Equinos. Plantel. Agentes patológicos. Sinais clínicos. Tratamento.

## 1 Introdução

O presente trabalho terá, como objeto de estudo, alguns dos principais agentes e as respectivas patologias, causadas em equinos, em especial, em animais de plantéis, com destaque para os vírus *Lentivirinae*, que causa a anemia infecciosa equina (AIE), o *Alphavirus*, responsável pelas Encefalomielite do Leste, Oeste e Venezuelana, e o *Influenza vírus* tipo A, que gera a Influenza equina, as bactérias *Tayrorella equigenitalis*, responsável pela Metrite contagiosa e a *Burkholderia mallei*, que causa o Mormo. Assim, expostas características dos agentes e das doenças causadas, destacar-se-ão os principais sinais clínicos e os tratamentos, a fim de que possam ser prevenidas e/ou tratadas tais enfermidades. O objetivo desta pesquisa é identificar os agentes, apontar quais patologias causam, bem como, os sinais clínicos e as formas de tratamento existentes.

## 2 Metodologia

A partir da necessidade da elaboração da pesquisa, bem como, das próprias características que permeiam o trabalho, torna-se necessário utilizar o método de estudo bibliográfico, por recorrer ao uso de livros, revistas, artigos, além de pesquisas em bibliotecas virtuais, seguida de uma análise teórica, constituindo-se no núcleo central da pesquisa.

---

<sup>1</sup> Acadêmico do Curso de Medicina Veterinária da Universidade de Cruz Alta – UNICRUZ.

<sup>2</sup> Professor. Médico Veterinário do curso de Medicina Veterinária da Universidade de Cruz Alta - UNICRUZ. Contato: kruehborges@gmail.com.



### 3 Resultados e discussões

Considerando que, em um plantel de equinos, por se tratar de animais que convivem em grupo, e porque as formas de transmissão podem ocorrer pelo contato, direto ou indireto (pelo ar, pelas secreções, pelo coito), tem-se que a possibilidade da transmissão de muitos agentes, como os vírus *Lentivirinae*, *Togaviridae* e *Ortomyxovírus*, e as bactérias *Tayrorella equigenitalis* e *Burkholderia mallei*, motivo pelo qual se desenvolveu esta pesquisa.

Em relação ao vírus *Lentivirinae*, ele pertence ao gênero *Lentivirinae*, à família *Retroviridae*, e é o responsável por causar a anemia infecciosa equina (AIE), uma doença infecciosa retroviral multissistêmica, que causa anemia hemolítica imunomediada. A maioria dos animais infectados não manifesta sinais clínicos (assintomáticos), mas podem transmitir para outros equinos (FENNER, *et al.*, 1993).

Quanto há manifestação de sinais clínicos, estes são descritos como febre, anemia aguda, perda de peso e edemas na região ventral e, quando os animais apresentam alta taxa de infecção, podem vir a óbito (WEIBLEN, 2007). A forma de tratamento é a preventiva, por meio de administração de vacinas, que são ministradas em períodos anuais, pré-estabelecidos.

O vírus *Alphavirus*, da família *Togaviridae*, por sua vez, possui várias cepas, com propriedades antigênicas distintas, mas causa, principalmente, as Encefalomyelites do Leste, do Oeste e a Venezuelana. Os principais sinais clínicos são: febre, anorexia (concorre, juntamente, com a febre), sinais neurológicos (distintos em cada fase da doença, e a sua gravidade). Não há tratamento específico, apenas, o preventivo, mediante vacinação anual (BARROS, 2007).

Em relação ao *Influenza vírus* tipo A, subtipo Equi 1 e Equi 2, pertencente à família *Ortomyxovírus*, gera a Influenza equina, que causa infecção respiratória severa em animais de todas as idades, com predominância nos mais jovens – até dois anos - , que, por vezes, pode ser fatal (FUJII, 2011). A transmissão é por meio de aerossóis, no momento em que os animais doentes tosse, promovendo a disseminação dos agentes no ar, ou, ainda, pelo contato direto, e o tratamento, da mesma forma, não é específico e é por meio da vacinação, em períodos anuais (IDAFES, 2010).

Quanto às bactérias, destaca-se a *Tayrorella equigenitalis*, um bacilo Gran-negativo que é responsável pela Metrite contagiosa equina. A bactéria se aloja na fossa uretral e na fossa clitoriana, onde, no momento do coito, o fluído ejaculatório e o sêmen podem ser



contaminados, sendo conduzidos ao útero, onde causam a doença. Igualmente, a contaminação pode ocorrer por fomites (QUINN, *et al.*, 2005).

Já a *Burkholderia mallei* (bacilo Gran-negativo) pertence ao gênero *Burkholderia*, que causa o Mormo. Trata-se de uma zoonose, e é uma doença, aguda ou crônica, primariamente, de equídeos, mas que pode se encontrada em outros animais, inclusive, no ser humano. A via de infecção principal é a digestiva, mas, igualmente, pode ocorrer pelas vias aéreas, cutânea ou genital, por intermédio da secreção de animais com a infecção (urina, fezes, fluidos) (SANTOS *et al.*, 2007).

As formas podem ser a cutânea, a linfática ou a respiratória, e os sinais clínicos, a ulceração no trato respiratório e na pele, a febre, o emagrecimento, a tosse, o corrimento nasal, dentre outros. Não existem tratamentos para a doença, e, quando constatada, a propriedade deve ser interditada, e os animais, comprovadamente, portadores da doença, sacrificados (MOTA, 2012).

Portanto, ao serem estudados alguns dos principais agentes, causadores de patógenos, em equinos, percebe-se a importância de sua prevenção, haja vista que as formas de transmissão podem ser mais propensas em animais que estão reunidos, como o contato direto e pelo ar. Os plantéis podem ser locais de alta transmissão se a prevenção a essas doenças não for feita de forma rigorosa, ou, ainda, se não for identificada a patologia e, logo tratada.

#### 4 Considerações finais

Como visto, por meio do estudo em relação a algumas doenças equinas e aos seus agentes causadores, como os vírus *Lentivirinae* (anemia infecciosa equina (AIE)), o *Alphavirus* (Encefalomielite do Leste, Oeste e Venezuelana), e o *Influenza vírus* tipo A (Influenza equina), e as bactérias *Tayrorella equigenitalis* (Metrite contagiosa) e a *Burkholderia mallei* (Mormo), verifica-se a importância da sua prevenção dos plantéis, a fim de serem evitadas e asseguradas, então, a qualidade e a saúde dos animais.

#### 5 Referências

BARROS, C. S. L. **Encefalomielite virais dos equinos**. In: RIET-CORREA, F.; SCHILD, A. L.; MÉNDEZ, M. D. C. Doenças de ruminantes e equinos. Santa Maria: Palloti, 2007.



**XIX Seminário**  
Interinstitucional  
de Ensino, Pesquisa e Extensão

**XVII Mostra**  
de Iniciação Científica

**XIII Mostra**  
de Extensão

**I Mostra**  
de Pós-Graduação



FENNER, F. J.; GIBBS, E. P. J.; MURPHY, F. A.; ROTT, R.; STUDDERT, M. J.; WHITE, D. O. **Veterinary virology**. São Diego: Academy Press, 1993.

FUJII, Keila Youko. **Manejo Sanitário e Profilaxia na Equinocultura**. 2011. Disponível em: <<http://www.gege.agrarias.ufpr.br/Portugues/equideo/Arquivos/aula%20profilaxia%20e%20sanidade.pdf>>. Acesso: 03 Jun. de 2012.

IDAFES - Instituto de Defesa Agropecuária e Florestal do Espírito Santo. **Informativo sobre Influenza Equina**. 2012. Disponível em: <<http://www.idaf.es.gov.br/Download/Texto%20Inluenza%20Equina.pdf>>. Acesso em: 18. Jun. 2012.

MOTA, R. A. **Aspectos etiopatológicos, epidemiológicos e clínicos do mormo**. Veterinária e Zootecnia, v. 13, n. 2, p. 117-124, 2012.

QUINN, P. J.; MARKEY, B. K.; CARTER, M. E.; DONNELLY, W. J.; LEONARD, F. C. **Microbiologia veterinária e doenças infecciosas**. São Paulo: Artmed. 2005.

SANTOS, F. L.; MANSO FILHO, H. C.; MENDONÇA, C. L. **Doenças de ruminantes e equinos**. Santa Maria: Palloti, 2007.

WEIBLEIN, R. **Anemia infecciosa Equina**. In: RIET-CORREA, F.; SCHILD, A. L.; MÉNDEZ, M. D. C. Doenças de ruminantes e equinos. Santa Maria: Palloti, 2007.